

EDUCAÇÃO EM PREVENÇÃO, O 'X' DA QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A CARTILHA "XIS-CASINHO"*

EDUCATION ON PREVENTION, THE 'X' OF THE QUESTION REFLECTIONS ABOUT "XIS-CASINHO" BOOKLET

Ideraldo Luiz Beltrame¹
Alberto Olavo Advíncula Reis²

BELTRAME, I. L.; REIS, A. O. A. Educação em Prevenção, o 'X' da Questão: Reflexões sobre a Cartilha "XisCasinho". Rev Bras. Cresc. Desenv. Hum., São Paulo, 6 (1/2), 1996.

Resumo: A cartilha apresentada pelo Ministério da Saúde para educação em prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS tem o mérito de ser um instrumento pedagógico de valor, uma vez que coloca a criança em contato com uma série de informações sobre a vida no planeta Terra de uma maneira geral e com os outros homens de forma mais específica. Porém as considerações que tecemos neste artigo apontam para alguns aspectos da temática desenvolvida na cartilha, que podem acabar traindo o objetivo original do processo ensino-aprendizagem: a educação para a prevenção. Partimos do pressuposto de que a educação é um processo complexo e dinâmico, capaz de incorporar uma reflexão sobre o devir humano: não é exclusivamente informação e acúmulo de conhecimento, -mas implica numa reflexão sobre a forma como se dá a produção de sentido das coisas e os significados a elas atribuídos. Assim, discutimos os principais eixos da cartilha, observando a necessidade de que esta se desfaça das armadilhas da moral judaico-cristã que a permeia, dos dogmas sobre a relação de amor e sobre a sexualidade humana. Para educar é preciso se desencobrir da condição de mestre que tudo sabe e fazer um esforço no sentido de que aquilo que é apresentado como novo, seja desencoberto, numa relação dialógica pelos sujeitos envolvidos.

Palavras-clave: criança, educação em prevenção, AIDS, saúde coletiva.

INTRODUÇÃO

A história das doenças é tão antiga quanto o homem, modificando-se conforme o modo como as sociedades as representam, no correr da história. A AIDS, como o grande mal do nosso século, a muito passou de problema para a epidemiologia à afronta para a humanidade. Para compreendermos o sentido dado a essa enfermidade é preciso pensarmos, antes, na própria condição humana

deste fim de século. O homem encontra-se diante de seus grandes temores individuais – a sexualidade e a morte – colocados a nu pela emergência de uma doença de caráter moralizante e pela crise do paradigma que afeta gravemente a medicina a despeito da cura.

Diante da descoberta de sua solidão, como consequência da afirmação do indivíduo na modernidade, o homem debate-se com o fenômeno da secularização³ (autonomia individual frente à

* BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS. Xis Casinho. Cartilha de 5 a 9 anos - Brasília: Ministério da Saúde, 1994. 16 p.

1 Sociólogo. aluno de pós-graduação em nível de mestrado no Departamento de Saúde Materno-infantil da Faculdade de Saúde Pública da USP.

2 Professor Doutor do Departamento de Saúde Materno-infantil da Faculdade de Saúde Pública da USP.
End.: Av. Dr. Arnaldo, 715, 2º andar, sala 218, São Paulo - SP CEP: 01246-904 Tel: 3061-5233 ramal: 7702.

3 O sentido de fenômeno da secularização é aqui utilizado como aparece em LEPARGNEUR, H. "O doente. a doença e a morte". Papyrus Editora. Campinas, 1987.

religião, com o consentimento da sociedade) tornando-se evasivo e permissivo, no sentido de que tudo pode a seu livre arbítrio.

Colada a esses fatores, a AIDS apresenta-se como uma questão que desafia a Saúde Coletiva no mundo inteiro, e no Brasil sobremaneira em função de problemas gerados pelas crises sociais. Apresenta uma série de dimensões, das quais a *educação em prevenção*⁴ vem merecendo destaque por parte dos órgãos oficiais, ONG'S e outras instituições sociais.

No entanto essas dimensões foram geradas no seio da compreensão epidemiológica de controle da epidemia, eficiência das ações em Saúde Coletiva e da responsabilidade do Estado pela garantia dos direitos do cidadão. Dessa forma as sociedades contemporâneas, como sociedades do controle social, baseiam-se na disciplina⁵ como instrumento que molda os indivíduos de forma que estes exerçam sobre os outros e si mesmos uma espécie de autovigilância contínua e progressiva, que na Saúde Coletiva toma o formato de prevenir contra o risco, no limite, da própria vida social.

APONTAMENTOS PARA UMA APRENDIZAGEM DA VIDA E DA EXISTÊNCIA

Diante da perspectiva da adoção de uma cartilha, como algo que determina quais as regras ou as formas de se conhecer o que é melhor, sugerimos que se substitua esse ser imaginário, o xis-Casinho, de um planeta também imaginário, o XK-2, por um ser real, como uma criança comum, baseada na experiência das crianças brasileiras e substitua também o Sábio por um velho ou um vovô, que possa refletir sobre sua experiência de vida, seu imaginário social, carregado de conteúdos culturais e sobretudo presentes no repertório social das crianças.

O Sábio, sempre cheio de carinho, voz mansa, calmo, parece destituído da animalidade conferida pela natureza. Não corresponde à experiência humana. Mesmo na religião, Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, portanto provido da natureza humana.

Ao se colocar uma discussão tão abrangente como a compreensão da vida no pla-

neta Terra, deve-se tomar muito cuidado com os conteúdos vividos e comparados que as crianças têm sobre determinados conceitos, como o de harmonia com o universo, que pode ser vazio de significado, se não encontra ressonância na relação que elas tecem, no cotidiano, com a visão de mundo que produzem.

Deve-se evitar; para não constranger o indivíduo na sua capacidade de abstração do mundo e sua significação histórica e social – relativa às suas condições materiais de vida – determinadas metáforas de expiação e delegação sobre o bem e o mal, como é feito na localização do protagonista da história: “...lá longe, no planeta XK-2, O nosso amiguinho Xis-Casinho ficava feliz ao ver que na Terra...”, como se este fosse um guardião, um Deus, que a bem da verdade estará se introjetando no sujeito da ação, sobre o seu corpo e sua vida social.

A despeito da idéia apresentada de equilíbrio “...tudo mantinha o equilíbrio do Universo, trocando energias muito positivas...” – não explica nem considera a natureza e suas leis básicas de um modo geral e a natureza humana como condição ontológica do homem; e ainda – “...e mantendo o equilíbrio entre os seres...” – qual é a noção de equilíbrio? A natureza como qualidade *sine qua non* da vida biológica de todos os seres não poderia ser apresentada como sendo distinta da qualidade de existência da vida humana?

Em seguida – “...no meio de toda aquela harmonia havia aparecido o homem, um ser que pensava e iria ajudar no equilíbrio e felicidade do planeta Terra...” – parece contraditório, com uma informação inconsistente, deixando perceber que o homem surge no meio dos outros seres vivos que estão em harmonia, e que ele ameaça essa harmonia, dando assim um veredicto *a priori*, sem mesmo discorrer sobre o seu aparecimento, que não acontece por acaso.

O homem quando descobre sua capacidade de pensar, marca profundamente sua existência e dá-lhe outro sentido, para além da natureza física do cosmo; de modo que se distancia da natureza a medida que desenvolve a capacidade de contemplação de sua existência.

No trecho – “...logo descobriram que deveriam cuidar e respeitar os outros seres e a natureza...” – não explícita de que forma isso se realiza ao longo da história, como se fosse uma missão

4 Expressão cunhada pelos autores, significando um conjunto de informações – educação formal, imagens e símbolos apreendidos no parâmetro do seu imaginário social – capazes de levar os sujeitos sociais a refletirem sobre suas distintas visões de mundo histórica e socialmente dadas, a fim de construir um diálogo com o ‘outro’, a perspectiva de sua ‘proteção’ biopsicossocial.

5 Para Foucault, em *Vigiar e Punir* “a sociedade disciplinar se funda ora na disciplina de exceção, na instituição fechada, estabelecida à margem – uma espécie de quarentena social” – ora na vigilância generalizada, o panoptismo.

divina. E a natureza humana, a alma e a psiquê? Reduzem-se ao pensar?

Na mesma seqüência a cartilha elabora uma compreensão do mundo como algo metafísico, criado por um ser misterioso e intocável, mas do qual o homem recebeu o legado de ser o benfeitor da vida no universo; uma visão teocêntrica do mundo, que nos parece incompreensível para uma criança, como a "...chave mágica do equilíbrio..."

Em seguida aparece uma interpretação do conceito de sociabilidade – "...nem o homem nem qualquer outro ser vivo na Terra pode viver sozinho..." que deveria estar melhor fundamentado, de forma a mostrar como o homem não viveria simplesmente da função biológica – *animal laborans*⁶ – mas que precisa se relacionar com os outros seres humanos para garantir a sua existência enquanto um ser dotado da capacidade de compartilhar sentimentos e desejos, que são significados mutuamente dando sentido à vida em sociedade – *animal socialis*⁷.

Ainda sob a perspectiva da distinção do animal racional e os outros seres vivos, ou mesmo da natureza, consideramos fundamental, abordar através de experiências próprias às crianças, como a cultura e a vida na sociedade estabelece regras e relações significantes; dessa forma, frases como - "...todos os seres vivos têm uma razão para existir..." – não explícita a diferença entre uma função natural da vida – não se aplica aos homens a cadeia alimentar – e a relação social, exclusiva dos seres humanos.

Em outro momento a cartilha parece considerar a subjetividade de uma crença específica – "...Xis-Casinho não gostou nada quando viu coisas estranhas acontecendo..." – reforçando a idéia de um guardião, o Deus, julgando por sua moral os atos da natureza humana, que não lhe pertence. E ainda – "...os homens iriam estragar a felicidade, o amor e a harmonia..." – imaginamos que seja o contrário, o homem busca a felicidade, como Platão nos mostra em *O mito da caverna*, onde aponta a emergência da razão.

Ampliando essa discussão sobre as relações sociais mais gerais, apresenta a cartilha uma visão pessimista, para não dizer negativa, sobre as origens da determinação social do homem – "...uns querendo os direitos dos outros..." – na qual não esclarece a noção de direito utilizada; o que sugere uma compreensão jusnaturalista de que

"o homem é o lobo do homem", sem traduzir ou contextualizar para a criança a idéia de contrato social que aí reside.

Contrapondo-se à especificidade antes apresentada, de que o homem é diferente dos outros seres vivos, encontramos ainda mais afirmações de um teocentrismo exacerbado, de um mistério não revelado sobre a condição do cosmo, do planeta Terra e do homem, tratando todos como elementos de uma mesma natureza recíproca, quando na verdade o objetivo primordial deveria ser mostrar, para as crianças, que o homem é capaz de intervir na natureza da vida biológica, como também pode ser capaz de apreender novas práticas na vida social capaz de garantir-lhe, no caso das DST'S/AIDS, proteção e uma vida sem doenças. Expressões tais como – "...a chave mágica da felicidade estava indo pro beleléu..." – suscita indagações como – quem controla? – que a cartilha parece sugerir: – "...foi perguntar ao velho Sábio..." – o destino, ou mesmo podendo ser interpretado como estamos todos fadados ao progresso, como uma irreversível condição autodestruidora do homem.

Há também expressões de difícil comparação com a experiência vivida pela criança, onde a presença do homem no cosmo aparece como a materialização da vontade de um ser com o qual não podemos estabelecer contato, portanto não podemos intervir no nosso destino, como uma nau sem timoneiro; a frase "...o homem que ele sempre desejou ver vivendo na Terra..." – nos parece uma expressão truncada, tanto do ponto de vista da língua portuguesa por que sugere uma confusão nos sons que se chocam, dos verbos ver e vivendo, como dos sentidos de desejou na Terra. Numa outra – "...o homem desligar a chave mágica do equilíbrio..." – a humanidade seria assim apenas fruto do desejo de um Deus? Se ele tem acesso para desligá-la, porque não a controlaria para os fins que julgasse necessário, eliminando o que não lhe é útil ou o que é nocivo?

Aproximando o olhar da abordagem em saúde, verificamos que ela surge metaforicamente, relacionando os conceitos distintos de felicidade e saúde como se fossem uma via de mão única, esquecendo que a criança apreende de formas diversas as significações de estar alegre e estar bem.

6 No seu livro "A Condição Humana". Hanah Arendt distingue três dimensões do homem, das quais o *animal laborans* corresponderia ao *animal rationale*. "...apenas uma das espécies animais que vivem na Terra – na melhor das hipóteses a mais desenvolvida".

7 Ainda Hanah Arendt discorre como o homem é de uma espécie ímpar, pois que constitui uma sociedade específica, *societas generis humana* – uma Sociedade da espécie humana" – donde apreende-se dessa "aliança entre pessoas para um fim específico" uma condição humana fundamental.

A sequência, que nos parece tentar explicar uma idéia da epidemiologia sobre as recentes descobertas de reservatórios biológicos intocados na natureza do planeta Terra? – representado aqui pela frase – “...apareçam e proliferem muitos vírus, vermes, bactérias e fungos...” nos parece inoportuna, surgindo do nada, sem explicação; esses seres vivos também são parte do equilíbrio da natureza, não foram criados pelo homem.

Ao apresentar a discussão a respeito da idéia de corpo humano e sua relação com o processo saúde-doença – “...do nosso corpo existem células...” acreditarmos que seria razoável possibilitar à criança um contato com seu próprio corpo e não com metáforas do corpo social disciplinado, esquadrinhado entre o bem e o mal, entre o belo e o feio, como nas expressões – “...uma arma muito poderosa dentro da gente, o sistema imunológico...”; “...pequenas fábricas...”; “...soldados muito pequenos...”; “...invasores...”; “...os soldados do corpo não conseguem resolver tudo sozinhos...”; “...outros soldados...”; “...remédios e vacinas...” e “...inimigo da saúde e do equilíbrio do corpo”. Consideramos que essas representações não explicitam qual o conceito de saúde apresentado; traduzem uma experiência baseada na violência da qual é acusado o homem, com conceitos figurativos baseados na violência do Estado – violência legítima do uso da força. Essas expressões trazem conotações relativas à experiência social, afinal os soldados não conseguem resolver nada sozinhos – nem os do corpo; apresenta com isso o paradigma da intervenção médica, o estatuto da cura.

RAZÃO E SENSIBILIDADE

Aqui chamamos a atenção para a forma como são abordados os conceitos de saúde. Saúde coletiva, qualidade de vida e outros tantos, como se fossem todos um círculo vicioso que dispare sobre as nossas cabeças a responsabilidade por tudo de bom ou de ruim que nos aconteça, desconsiderando o processo biopsicossocial que nos envolve.

Na expressão – “...podem viver melhor. Eu explico como...” – interpretamos uma receita da boa vida? base das concepções de grupo de risco, comportamento de risco e da concepção de qualidade de vida ou estilo de vida, que parece argumentar tão somente a exegese da dicotomia proibição e transgressão sobre a liber-

dade⁸ humana, onde a liberação sexual representa sua forma caricatural, e funda a explicação do perigo das relações humanas que se dão a partir do desejo.

Assim, a explicação da relação sexual entre os seres humanos parece-nos carregada de valor moral, traduzindo uma concepção da união baseada na reprodução, divinizada, como sendo a forma exclusiva de relação, que confunde os sentimentos de amor e os desejos sexuais: – “...descobrimos alguém de quem a gente gosta muito...”; “...completa o equilíbrio da vida da gente...”; “...pra passar a vida toda juntos...” e “...reprodução, a criação de novas vidas...”.

Na frase – “...também temos um sistema reprodutor...” – pensamos ser importante estar apresentando para as crianças que não se trata só de um órgão gerador de vida? mas de algo também carregado de significados culturais. No limite, é também um órgão de reprodução social. Como nos mostra LEVI-STRAUSS, (1976) o que funda a cultura, em oposição ao estado de natureza, é o fato de que em todas as sociedades historicamente referidas há o princípio da regra como proibição de algo, como o tabu do incesto, que inaugura a concepção da interdição; e que no caso da AIDS aponta para determinadas práticas sexuais e sociais consideradas desviantes, como sendo responsáveis pela disseminação da doença e no limite. opõe o patológico perverso, ao normal, aceito socialmente.

Continuando esse raciocínio, as expressões “...o corpo da mulher e do homem são diferentes. Um foi feito para completar o outro, na reprodução...”; “...uma relação sexual...” e “...mas nem sempre vão estar criando uma nova vida...” – traduzem uma moral judaico-cristã excludente, que omite, para a criança, a incompletude humana como condição ontológica do homem. O ser humano se completa no outro, em diferentes manifestações psicológicas e sociais, diferentemente da idéia moral de que “o homem se completa na mulher”, uma vez que isso não tem nada a ver com desejo e prazer, pois as concepções de amor e de sexo são distintas nas suas origens; e que anteriormente não se falou em relação sexual, mas sim de amor, carinho e respeito. Sexo e amor pertencem a esferas diferentes do desejo humano e consideramos a compreensão dessa diferença como uma premissa para o entendimento das questões de saúde, sobretudo na análise da saúde em geral e da Saúde Coletiva em particular.

8 Para Annie Dymetman, em “AIDS e o imaginário social”, “enquanto epidemia a AIDS pode ser considerada cristalização da expiação da culpa pelo processo de libertação, uma válvula de escape para o medo à liberdade”.

ASAÚDE COLETIVÁ FRENTE A CRISE DO PARADÍGMA DA CURA

Levando-se em conta a discussão apresentada anteriormente sobre as relações humanas – sociais, de amor e sexo – e a tentativa de colocar a criança frente a uma realidade que deveria estar encoberta pelos tabus morais de nossa sociedade, voltamos a refletir sobre o fato de que a interdisciplinaridade, própria da Saúde Coletiva, aponta para as ações de educação em prevenção como uma possibilidade de preparar os indivíduos para lidarem com a sua realidade particular e estabelecerem vínculos com a vida social, de forma a levá-los a se protegerem do risco de adoecerem. As frases – “...doenças que se transmitem na relação sexual...” e “...podem ser curadas por médicos...”, traduzem essa observação de uma crise da medicina, que diante da impossibilidade da cura para os males do sexo, atribuem uma certa culpabilidade nas relações socialmente indesejadas, onde em última instância a AIDS é vista não como uma doença de transmissão sexual, considerando que se transmite também de outras formas, mas como uma doença moral, dos perversos.

Noutra apreciação percebemos novamente a figura de um Deus, desta vez na imagem da medicina, controladora das tecnologias da vida: – “...os médicos lá da Terra ainda não encontraram uma vacina...”. A Saúde Coletiva não aparece nunca. O sanitarisino se resume à vacinação? E a Medicina Preventiva? São coisas antagônicas?

Essas indagações devem aparecer de forma a estabelecer algum vínculo da criança com o significado de prevenção, que ela possa ter, a partir de suas condições imateriais de vida, como por exemplo através de ilustrações de proteção dos perigos em brincadeiras próprias de sua idade. As

colocações feitas na cartilha apresentam o médico como o herói místico do qual dependemos para a solução de nossas desavenças com a natureza, representadas pelas doenças, e o que é mais dramático, apresenta a idéia da medicina como algo que procura a melhoria da vida: – “...estão trabalhando para encontrar meios de tratar a AIDS...” – apresentando uma visão da medicina capitalizada, que traz consigo a desconfiança na sua legitimidade, pois que se ancora na idéia de saúde como mercadoria, que provê o lucro como o interesse último. E ainda não coloca a questão do acesso à saúde como um direito do cidadão e um dever do Estado.

CONCLUSAO

Concluindo, observamos que a idéia de prevenção, como algo que depende de cada indivíduo e de toda a sociedade, passa despercebida da criança pois não aponta caminhos de participação de cada um, uma vez que se remete todo o tempo ao processo saúde-doença, como algo dependente do comportamento moral e social e de seu corolário de valores: “...estão procurando avisar todas as pessoas...”.

A questão comportamental, do devir humano e suas implicações sobre o homem deste fim de século, não encontra lugar nas falas de Xis-Casinho nem do Velho Sábio, pois que são figuras imaginárias, sem ressonância na teia de relações que envolvem a criança e todos os outros indivíduos na nossa sociedade. É assinala que: – “...os humanos não devem se apavorar...” e “...acredito que o homem irá saber como evitar um estrago maior...”. Como esperar que isso ocorra, sobretudo na apreensão da criança, alvo dessa cartilha, depois de tudo o que foi apresentado de aterrador sobre o homem e o seu destino?

Abstract: The booklet presented by the Ministry of Health with the bases for an education on prevention of Sexually Transmitted Diseases and AIDS has the merit of being a valuable pedagogical instrument, since it puts the child in contact with a series of information about life on earth in general and, more specifically, with other men. However, in this article we indicate some aspects of the topics developed in the booklet that may betray the original purpose of the teaching-learning process: education on prevention. We assume that education is a complex and dynamic process, capable of embodying a reflection about the human becoming: it is not exclusively information and accumulation of knowledge; it implies a reflection about how a production of sense for the things and the meanings assigned to them takes place. Thus, we discuss the major focal points of the booklet, observing the need for it to get rid of the Jewish and Christian moral traps that it contains, as well as the dogmas which sustain the love relationship and human sexuality. In order to educate it is necessary to uncover the condition of a master who knows everything; it also requires an effort to uncover what is presented as new in a dialogical relation undertaken by the subjects involved in it.

Key-words: child, education on prevention, AIDS, collective health.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro, Universitária, 1991.

DYMETMAN, A. *AIDS e o imaginário social*. Saúde, Cult. e Societ Caderno N°1, FSP/USP, 1995.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis, Vozes, 1988.

LEPARGNEUR, H. *O doente, a doença e a morte*. Campinas, Papirus, 1987.

LEVI-STRAUSS, C. *Estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis, Vozes, 1976.

MINISTÉRIO DA SAUDE - Programa Nacional de DST/AIDS. *Xis-Casinho. Cartilha de 5 a 9 anos*. Brasília, 1994.